

VINTE HAICAIS VINTE SUMI-E

edith leonor lomovasky





VINTE HAICAI'S VINTE SUMI-E

The background of the entire page is an abstract black and white artwork. It features thick, expressive brushstrokes that create a sense of movement and texture. The strokes are dark and bold, contrasting sharply with the white background. The overall composition is dynamic and non-representational.

Colección Libros
Imposibles

VINTE HAICAIS VINTE SUMI-E

edith leonor lomovasky

[tradução e posfácio de Floriano Martins]

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2026-

Lomovasky, Leonor Edith, 1952

Vinte haicais Vinte sumi-e / Edith Leonor Lomovasky --1ª ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2026.

82p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 76 >

<Digital>

1. Poemas y dibujos argentinos. 2. Literatura y gráfica argentina.

I. Título.

Primera edición, 2026

Colección Libros Imposibles #76

© *Vinte haicais Vinte sumi-e*

© Edith Leonor Lomovasky

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Tradução, capa e posfácio:

Florianos Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Revisão:

ARC Edições





Introdução a título de agradecimento

Para dar início a este livro de haicais e sumi-e, gostaria de agradecer profundamente àqueles que iluminaram e continuam a iluminar meu caminho.

Gostaria de expressar minha gratidão ao meu amigo, editor da notável *Agulha Revista de Cultura* e excelente tradutor Floriano Martins, com quem é sempre um prazer compartilhar mundos poéticos. Sua abertura e sensibilidade permeiam nossos projetos, e me considero muito afortunada por termos nos encontrado na poesia. Foi ele quem traduziu este livro de poemas do espanhol para o português e escreveu seu prólogo profundo e belo.

Para agradecer a todas as almas que me inspiraram, preciso voltar à minha adolescência.

Na Escola Normal nº 4 da Capital Federal, na Argentina, conheci muitas alunas, todas novas. Lá conheci quem viria a ser minha colega de carteira, María Cristina Kakefuku, de ascendência japonesa, com quem compartilhei longíssimas horas dos treze aos dezesseis anos. Acho que sempre fui uma buscadora de horizontes e ela, Kakefuku, pintava com uma desenvoltura e uma paleta que me fascinavam. Ela, reservada, leal e doce, não falava muito, corava a cada frase. Mas suas pinturas eram de uma beleza intensa, alheia aos cânones ocidentais. Seus vermelhos, seus brancos foram uma descoberta para mim.

Acho que tudo começou ali. Perdi o rastro da minha querida colega, mas a carrego na alma.

Com o passar dos anos, descobri a luz e a sombra das culturas terrestres, outras crenças e outras línguas. Outros corpos, outras danças. A partir do meu amor pela aquarela, já adulta, comecei a aprender Sumi-e e caligrafia japonesa com o Mestre Zen Kasuo Ishii nos corredores da Universidade de Tel Aviv. Foi ele também quem me revelou o segredo do Chikong, que passei a praticar assiduamente até me tornar professora e

praticante. Com ele, aprendi rigor e perseverança no caminho do Sumi-e.

Minha maravilhosa professora anglo-japonesa, Akemi Lucas, me acompanhou e sempre será uma presença cordial e generosa na minha arte; fico emocionada ao mencioná-la neste prólogo que lhe dedico. Com ela, aprendi o equilíbrio entre a precisão e o fluxo da alma. Que lição extraordinária! Sinto-me afortunada por tê-la conhecido e por continuar aprendendo com ela por toda a vida.

Minha amiga espanhola Natalia Fernández Díaz-Cabal, brilhante acadêmica e criadora multifacetada, me ajudou a refinar a arte do haikai em suas oficinas e, graças a ela, descobri a literatura japonesa. No entanto, Natalia é para mim muito mais do que uma artista e intelectual. É uma amiga nobre e empática. É uma bênção contar com sua presença, apesar da distância geográfica.

Atualmente, resido no Brasil e tenho a imensa sorte de ter conhecido a professora de Sumi-e Angélica Philippe, um ser espiritual que habita espaços sutis que dão sentido à nossa existência. Continuo aprendendo com ela pelo caminho infinito do Sumi-e na sede da Associação Nipo-Catarinense, em Florianópolis.

Angélica e seu marido, o Sensei de Artes Marciais e professor de caligrafia Eduardo Correa, dão sentido à imersão na cultura japonesa, apesar de morarmos nesta latitude remota. Meu mais profundo agradecimento!

No meu caso, aventurar-me em outros mundos culturais não é uma fuga das minhas coordenadas, das minhas raízes ou dos meus condicionamentos biográficos. O diálogo com os outros nasce precisamente de saber e abraçar plenamente quem eu sou, e da curiosidade e da sede de conhecimento que considero a maior das riquezas da minha vida.

Edith Leonor Lomovasky

1

Tres tonos, mundo.
La osadía del pincel
cruza el vacío.



1

Três tons, mundo.
A ousadia do pincel
cruza o vazio.

2

Blancura total.
Ninguna canción brilla.
Campos de arroz.



2

Brancura total.
Nenhuma canção brilha.
Campos de arroz.

3

Trazo veloz.
Susurro entre los pétalos.
Brisa en las sombras.



3

Traço veloz.
Sussurro entre as pétalas.
Brisa nas sombras.

Gran heroísmo
el del pincel que vuela
y se despegas.



Grande heroísmo
o do pincel que voa
e se desprende.

5

La transparencia
oculta lentamente
la sed del cuenco.



5

A transparência
esconde lentamente
a sede da tigela.

6

Danza del agua
y la mancha sombría.
Un cuerpo en vuelo.



6

Dança da água
e a mancha sombria.
Um corpo em fuga.

7

Madera, arroz
y el trance de un pincel
entre los huecos.



7

Madeira, arroz
e o transe de um pincel
entre as falhas.

8

En el zazen
encuentro las mil cosas.
Contemplación.



8

No zazen
encontro as mil coisas.
Contemplação.

9

La tinta negra
al borde del pincel
lo dice todo.



9

A tinta negra
na ponta do pincel
diz tudo.

10

El chi despierta
con paso vacilante
sobre lo blanco.



10

O chi desperta
com passos hesitantes
no branco.

II

El shoboku
divide el uno en dos:
pleno, vacío.



II

O shoboku
divide o um em dois:
cheio, vazio.

12

Los pétalos
sedosos sobre la hoja.
Fiesta en las aguas.



12

As pétalas
sedosas sobre a folha.
Festa nas águas.

13

Cerdas de cabra
acarician certeras
al papel de arroz.



13

Cerdas de cabra
exímias acariciam
o papel de arroz.

14

Las orquídeas,
los cuerpos diminutos,
el cuenco gris.



14

As orquídeas,
os corpos minúsculos,
a tigela cinza.

15

Sanbokuhou
El tesoro del agua
en las maderas.



15

Sanbokuhou
O tesouro da água
nas madeiras.

16

Ante la orquídea
el trazo reverente
cruza orillas.



16

Diante da orquídea
o traço reverente
cruza margens.

17

En el rocío
las plumas de la orquídea
flotan con fruición.

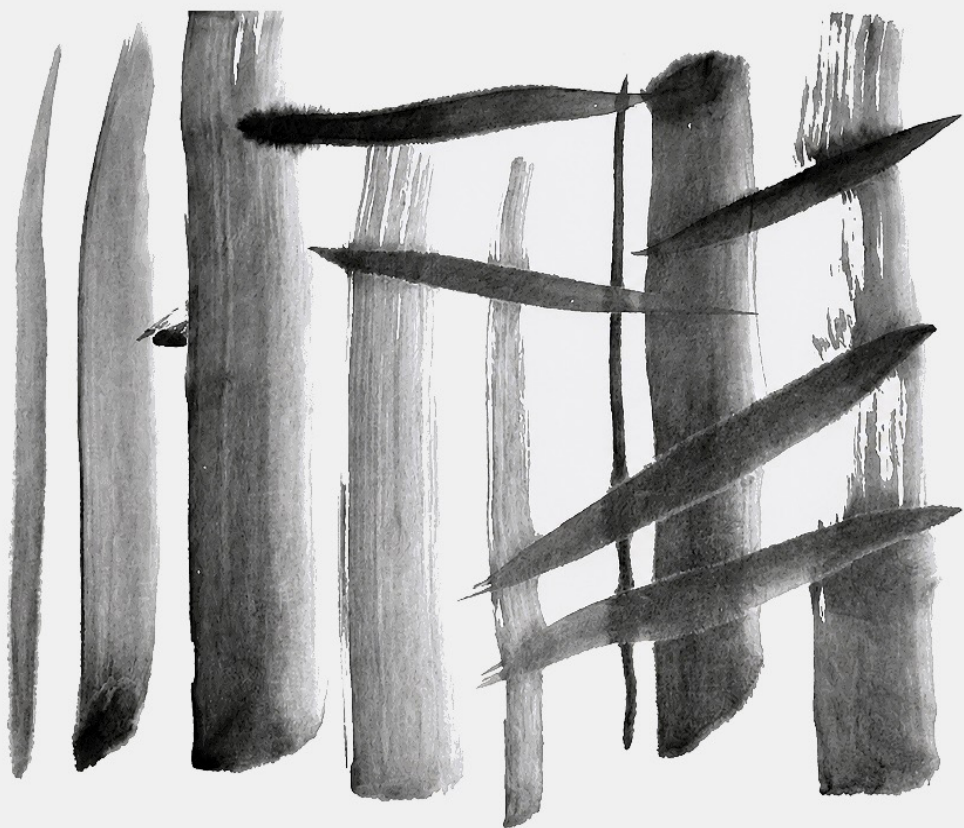


17

No orvalho
as plumas da orquídea
flutuam com prazer.

18

El viento, el sol,
la caña de bambú,
cuerpos en tierra.



18

O vento, o sol,
a haste do bambu,
corpos na terra.

19

¿Son esas aves
u hojas de bambú
entre las ramas?



19

São essas aves
ou folhas de bambu
entre os galhos?

20

Una cara lisa,
otra cara áspera,
papel y sed.



20

Um lado liso,
o outro áspero,
papel e sede.

A magia líquida da escrita em Edith Leonor Lomovasky

Este livro de Edith Lomovasky evoca a pincelada única, o fluxo cósmico do mestre Shitao, no qual ele utiliza pincéis para descobrir o potencial poético do momento. Destaca-se, desde o título, a técnica de lavagem conhecida como sumi-e, tendo ela própria captado a linguagem artística, concentrando em seu livro um diálogo entre a poesia e as artes visuais, a caligrafia e o movimento do espírito. Sinto que Shitao, o monge Abóbora Amarga, sempre a observava à distância, por meio da profunda conexão entre o haikai, o sumi-e e a pincelada única com a qual esse mestre situa a presença do Tao.

Este livro busca a essência da espontaneidade por meio da meditação, da conexão com a natureza, da arte, da escrita e, simplesmente, do ato de estar no mundo. Edith trabalha com a maior versatilidade dos pincéis japoneses, utilizando tinta preta e sua riqueza de efeitos.

Ela mesma me lembra, em nossas conversas, que os preparativos para o trabalho do sumi-e são ritualísticos, exigem uma respiração abdominal profunda e uma leveza do corpo. O ideal é praticar qigong ou tai chi antes de pintar, para desbloquear a energia do corpo. Na verdade, a pintura sumi-e exige um traço único; o movimento, o ritmo do traço e a variação da pressão do pincel sobre o papel proporcionam uma riqueza. Uma interpretação do Qi (energia vital) nos leva a compreender como conseguir a transmissão dos elementos naturais por meio de pinceladas que imitam seus ritmos e formas, inclusive na escrita.

A leitura deste livro de Edith Leonor Lomovasky me comove profundamente, pois confirma minha intuição de que existe uma relação profunda e amorosa entre o sumi-e, o haikai e a filosofia do traço único: essa sugestiva devoção à iluminação definida pela máxima expressão — sutil e intensa — com o mínimo de recursos. Falo de iluminação porque é o sentido vital que emana da criação, do satori, a captura do momento presente. Sem esquecer que a aparente simplicidade do traço (seja no haikai ou no sumi-e) encerra uma riqueza de significado e uma profunda

conexão com a cultura e a espiritualidade japonesas: um convite à meditação e à percepção da beleza no efêmero.

Ao falar sobre o uso do Taichi como recurso para liberar o fluxo criativo, Edith introduz outro elemento valioso: a respiração, que proporciona a mistura equilibrada de força e firmeza, o movimento com a vitalidade e a suavidade necessárias para a expansão do corpo e da mente. As expressões verbais e visuais se unem neste livro como prova de que a criação artística, assim como a própria vida, baseia-se na união dos opostos.

Traduzir este livro representa outro desafio, mas na mesma linha: o registro físico — a linguagem — de uma experiência que é ao mesmo tempo espiritual e corporal, e que pode ser mais do que uma mera representação; ou seja, neste caso, a tradução pode abranger uma profunda integração entre corpo, mente e espírito, assim como o próprio haicai.

O Ocidente e o Oriente são irmãos nessa compreensão da ausência de qualquer forma de intervenção. Traduzir Edith é acompanhar a aventura de seu próprio corpo viajando pelo campo de arroz da existência. Sua escrita é seu pincel, sim, mas adquire as proporções insondáveis de um par de asas e outras formas que sugerem simplesmente estar no mundo, como na prática budista do Zazen, que, segundo ela, é a postura que lhe permite encontrar-se com as mil coisas. Ou seja, sem essa consciência do momento, é impossível distinguir o portal que transcende os conceitos de sono e vigília.

Por essa razão, a poetisa invoca a energia vital, assim como a delicadeza dos traços de tinta ou o efeito das camadas de gradação, que também implicam paciência e resiliência diante da adversidade. Todo este livro destaca o vigor de alguém que compreende que somente a calma, em seu sentido mais disciplinado, nos torna resilientes diante de qualquer forma de pressão ou desafio. Esse espaço de influência do traço no corpo do verso, uma relação amorosa que permite que a imagem se revele duas vezes, é algo que Edith Lomovasky trata como um segredo da criação, embora esse segredo lhe revele uma essência poética fundamental.

O último haicai do livro, por exemplo, nos leva de volta ao enigma do primeiro. Como desvendar a suavidade ou a dureza,

atributos que definem o papel ou a sede? Nesse caso, a sede é o desejo de dar forma a algo. No primeiro haicai, a poetisa menciona a ousadia do pincel, e é ela quem permite que ele atravessasse o vazio. Aqui não se trata de preencher o vazio, mas de atravessá-lo. Atravessar nossa imagem do mundo, nossa imagem de nós mesmos. Espaço vazio, tempo de travessia. Edith fez ambas as coisas, daí a relação íntima entre as duas faces da cultura. E por isso recorreu ao haicai, lembrando até mesmo que uma certa atualização da tradição, especificamente no Ocidente, levou a transgredir a origem, alterando tanto a forma quanto o tema, de modo que, quando hoje falamos de haicai, já não temos certeza até que ponto a tradição permanecerá ao nosso lado.

No caso deste livro, o que se destaca é a relação entre a leitura de um tema que é a marca de uma vida e o desabrochar dos recursos imagéticos e da percepção do momento em que ela os utiliza, trazendo de volta a tradição, sem que isso se transforme em um olhar nostálgico sobre o espaço ou o tempo. Não nos esqueçamos de que o livro é uma busca pelo diálogo entre duas expressões: a poesia manifestada na forma de haicai e a prática pictórica do sumi-e, a pintura a tinta da água que é um rio perene, onde o poema, para mergulhar em um fluxo ideal, deve se abrir à surpresa de cada momento. O traço utilizado na concentração da imagem deve ser o mesmo que o verbo decifra nesse momento. Enquanto a poetisa marca a ousadia de um pincel que atravessa o vazio, o vazio é sua busca para se tornar outra coisa, esse momento mágico em que o homem se descobre a si mesmo.

Ela mesma observa, em nossa troca de cartas, enquanto me guia pelas profundezas da criação: nessa arte japonesa, o pintor é o médium entre o mundo e a folha. Isso me fascina: esse anonimato, essa humildade, esse afastamento da armadilha egocêntrica dos criadores ocidentais contemporâneos. Ao cair da tarde, enquanto ouvimos Edith Lomovasky, vemos em um céu imaginário essas imagens, originadas de um espectro monocromático, que tentam iluminar uma concepção instantânea de novos mundos a serem revelados.

Edith compreende que seu interesse por essa arte milenar é moldado não apenas pela autodisciplina, mas também pela intensidade alcançada por meio da contemplação da natureza.

Trata-se, portanto, de um livro que estabelece possíveis relações com o abismo, sem a intenção de verbalizá-lo, mas sim com a ousadia de misturar duas esferas essenciais — a palavra e a imagem — que permitem uma compreensão diferente do que somos.

Florianio Martins

2026

SOBRE A AUTORA



EDITH LOMOVASKY-GOEL é poeta, ensaísta, ilustradora e artista visual, nascida em Adrogué, província de Buenos Aires, Argentina, em 1952, e radicada no estado de Santa Catarina, Brasil. Sua figura se destaca no cenário cultural internacional pela combinação entre uma sólida formação acadêmica e uma profunda trajetória de realização espiritual. Possui mestrado em Educação, título que dá base pedagógica

ao seu trabalho como professora de língua e literatura espanhola, de escrita criativa e de arte, além de consolidá-la como uma incansável estudiosa das culturas do mundo.

Sua trajetória literária é tão prolífica quanto universal: é autora de 18 coletâneas de poesia em espanhol e duas em hebraico, e sua obra poética foi traduzida para 12 idiomas, amplamente publicada e agraciada com diversos prêmios. À sua reconhecida obra como poetisa soma-se sua faceta como ensaísta, na qual aborda a interseção entre pensamento, estética e espiritualidade, alcançando uma síntese única entre a palavra nua e o valor do silêncio. Em suas oficinas de escrita criativa, ela transmite essa experiência, orientando outras pessoas a descobrirem e cultivarem sua própria voz.

No âmbito das artes plásticas, com mais de cinquenta exposições realizadas, sua formação estética e iconográfica é de uma riqueza extraordinária. Ele aprimorou seu olhar sobre a arte ocidental na prestigiada Academia de Belas Artes de Florença, na Itália, e se formou na disciplina do Sumi-e ao lado de renomados mestres japoneses, assimilando diretamente o domínio do traço e o manejo do vazio. Seu horizonte visual e místico se expandiu no Oriente por meio de viagens iniciáticas, retiros de meditação zen e tibetana e estudos de pintura budista sagrada na região do Himalaia. Essa vasta experiência moldou sua sensibilidade particular como ilustradora, capaz de traduzir mitos, símbolos e filosofias em imagens de grande força evocativa. Como professora, ela volta essa bagagem universal para seu trabalho pedagógico, transmitindo a criação plástica não como um mero exercício formal, mas como uma linguagem de transformação interior.

Como professora de meditação e Chi Kung (Qi Gong), Edith vive a arte a partir da plena consciência do corpo, da energia vital (Qi) e da respiração. Neste volume de sua autoria, no qual atua tanto como escritora quanto como ilustradora, o *sumi-e* (pintura com lavagem de tinta) e o *haikai* revelam-se como uma única respiração artística e espiritual. O traço negro, direto e espontâneo, herdado de sua maestria visual, dialoga com a síntese absoluta de sua poesia para capturar a sacralidade do efêmero, convidando o leitor a um instante de iluminação cotidiana (*satori*) e quietude interior a partir de seu recanto de criação no sul do Brasil.



Vinte haicais Vinte sumi-e, de Edith Leonor Lomovasky , se terminó de ensamblar en septiembre de 2026. En su composición se utilizaron los tipos: Californian FB, Minion Pro, Garamond Premier Pro: 10, 12, 14, 18, 24, 30.





VINTE HAICAIS VINTE SUMI-E
2026



Colección Libros
Imposibles